

A RESILIÊNCIA NA POÉTICA ARTÍSTICA DOS “DENTES” DE CAROLINA ITZÁ E TAKES DE JOSEF KOUDELKA ASSOCIADA ÀS QUESTÕES DE PODER

Bianca Petry Bortoluzzi
Universidade Federal de Santa Maria
Associado/a/e ANPAP: não

RESUMO

O resumo é uma pesquisa a partir de reflexões sobre a arte e a poética na tentativa de mastigar e desenvolver a análise da expressividade de artistas como Carolina Itzá e Josef Koudelka, em suas resiliências em contextos diferentes, entretanto, ambos sentidos como “estrangeiros” do próprio país ou vítimas das desigualdades violentas nas questões de poder. A análise é feita a partir do elemento dos dentes na instalação “Sun Tzu, a casa caiu” de Carol Itzá, e as dinâmicas políticas enfrentadas pelo fotógrafo nômade Koudelka e quem ele retratava pelo caminho. Desse modo, conclui-se o poder da arte principalmente na capacidade expressiva do artista/artivista e na “vida em comunidade” (FREELAND, 2024, p.70), como um mecanismo de reiteração da memória social frente a injustiças.

PALAVRAS-CHAVE

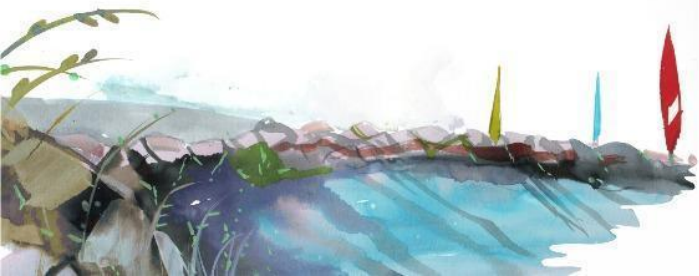
Questões de Poder. Poética artística. Dente. Koudelka. Carolina Itzá.

1. INTRODUÇÃO

Neste resumo, as reflexões entre o poder da arte e poética para expressão de artistas como Carolina Itzá (1983) e Josef Koudelka (1938) trazem uma dramaticidade e resiliência na luta contra desigualdades e a necropolítica por certos governos. De acordo com Dewey, “a arte é a expressão da vida em comunidade”, e faz juz a transformação e mudança social que a arte proporciona (FREELAND, 2024, p.70).

No início de sua trajetória, Carolina adota o sobrenome mais ancestral, quase mantra, Itzá, de uma narrativa da escritora maia Gioconda Belli que reflete as forças das mulheres latinas na busca pela sobrevivência. Essa simbologia não é ocasional pois reflete também a história da artista e as velas que cruzou para chegar ao 33º programa de exposições do Centro Cultural São Paulo (CCSP), no coração pulsante paulista.

A artista, nascida na periferia da capital, traz em seus trabalhos linhas que viram caminhos, que tornam-se grandes ideogramas taoistas repletos de símbolos humanos. Nesse mesmo caminho, ela se forma em Antropologia pela USP (Universidade de São Paulo) e mestre em Artes Visuais pela UFES (Universidade Federal do Espírito Santo), áreas que a acompanham nas produções



multidisciplinares – desde os murais de fortes mulheres e produções audiovisuais até os dentes esculturais feitos com cerâmica deixados em locais à deriva, em parede e chão nas suas instalações.

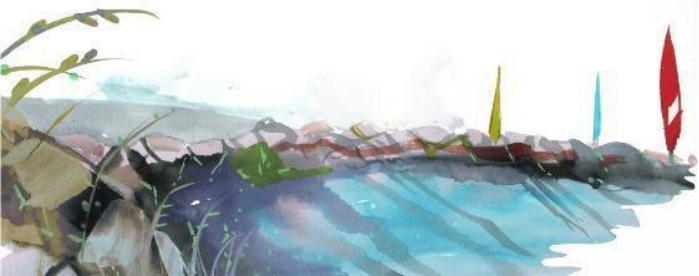
A Instalação “Sun Tzu, a casa caiu” (2024), exibido na coletiva do CCSP, encanta pela mistura de técnicas entre os diversos trabalhos, como o quadro da mulher “Biribinha” segurando estalos infantis em desertas montanhas acompanhadas de itens bélicos, e grandes inscritos taoistas figurativos com linhas pretas espessas que vão do tecido até a parede, como mostra na Imagem 1 adiante. Ao lado, está presente um suporte tecnológico com mídia e som para o espectador. No chão do espaço expositivo, mil peças cerâmicas de dentes ordenados em um quase movimento síncrono sob terra solta, meio enterrados. A escolha poética dessa parte calcificada humana não foi por acaso.

2. DENTADA, ANÁLISE DA OBRA

O teórico Alfredo Bosi esclarece que a arte se faz com signos que resultam no objeto estético e a realidade do objeto possui uma segunda realidade pelo seu modo de ser (Bosi, 1986). Os dentes presentes na obra de Itzá possuem uma significação além do visível. No primeiro instante é possível sentir uma pequena angústia pela parte humana – que em aspecto comum, é firme na carne da gengiva – estar em grande quantidade no chão. Mas a obra traz uma segunda possibilidade de leitura pela composição no espaço, que a artista provoca. Além disso, são ainda mais interessantes as ligações articuladas ao conceito do trabalho, como a da memória social, que Carolina defende.



Imagem 1. Vista da instalação Sun Tzu, a casa caiu, de Carolina Itzá, 2023. Fonte: CCSP.

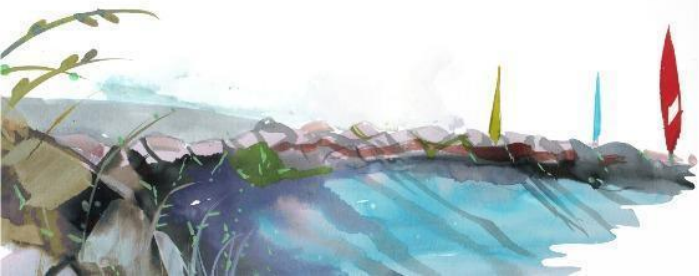


A arte, além do valor estético, é um mecanismo de reiteração da memória social, principalmente as espécies artísticas salvaguardadas em centros culturais e aquelas expostas fisicamente ou possuidoras de registros escritos. “Sun Tzu” completa o objetivo de resguardar a memória, de modo sutil, pela escolha dos dentes e seus significados. A arcada dentária, utilizadas em estudos sob cadáveres pela não decomposição do material, são usadas para fazer a identificação dos sujeitos que faleceram, podendo até ligar o corpo à família ou conhecido (ALBUQUERQUE, 2024). Ademais, a memória química humana permanece nessas partes e possibilita a datação também, assim como é mostrado no documentário *Nostalgia da Luz*, indicado pela artista. Esta obra audiovisual traz um paralelo no Deserto do Atacama, entre astrônomos a procura de ver as luzes do universo (uma visão do passado, já que o brilho está anos-luz adiantados na nossa perspectiva) e mulheres olhando o chão a procura de restos de seus entes desaparecidos pela Ditadura de Pinochet (1974 a 1990), no Chile (RUSSO, 2024).

Uma questão recorrente na associação dos dentes com a memória da artista é a busca pela rememoração da história brasileira, pois seu pai sofreu repressão política na Ditadura Militar. Encontrar os dentes na sala, na superfície do solo ou parede, espalhados mas sincronizados, é um grito de resistência de Carolina, para si e dos entes queridos ligados às vítimas. Por isso trazer essa perspectiva da criadora e vivência dessa tragédia dentro do um espaço artístico para aproximação do espectador a obra (e se agachar para visualizar os dentes) desenvolve uma analogia tal qual a necessidade daquelas mulheres, vítimas também da Ditadura, a de diminuir a distância e observar as 1000 partes humanas grandes naquele solo solto.



Imagem 2 e 3. Fotografia dos dentes da instalação “Sun Tzu, a casa caiu” e texto de parede presente no CCSP. Registro do autor,



“O que há de mais interno à composição do quadro do que a sua ‘perspectiva’, isto é, o modo de ver, culturalmente qualificado, do pintor?” (BOSI, 1986, p. 45). Carolina tecidamente alinha com sua investigação dos conflitos de gênero, históricos e territoriais propostos no trabalho artístico. O imperador chinês que dá nome a obra, Sun Tzu, mantinha a ideia seguida ainda hoje por alguns governos, de que a guerra é de vital importância para o Estado (TZU, 2024), logo, quando a artista usa símbolos, termos e faz disso uma criação, ela trata aspectos de guerra e resistência num mesmo plano, tanto na obra caótica "Bimbinha" quanto nos dentes pelo espaço, e que “possibilita uma compreensão espiralar do tempo” (ALBUQUERQUE, 2024), como visto na Imagem 1.

3. A RAIZ TRINCADA, JOSEF KOUDELKA

Concomitante, compreender o tempo através de cortes do passado em cenas puras de resiliência é característica de Josef Koudelka, fotógrafo tcheco. Assim como Carolina, Koudelka carrega uma imensa bagagem em retratos de lutas e resistência, sendo ele uma vítima também pois precisou abandonar seu país quando fotografou para o mundo a invasão soviética em sua terra. No geral, seu imenso acervo foi aproximadamente dividido em três séries, expostas no Instituto Moreira Salles, em São Paulo, sendo “Ciganos”, “Praga 1968” e “Exílios” (2024).

A partir da paixão pelo fotojornalismo, Koudelka começou a fotografar conflitos e guerras que provocam sensações profundas no espectador e não soa diferente da bandeira da artista brasileira e da instalação analisada anteriormente. Determinados mecanismos de poder confluem para um não pertencimento a terra, conforme o fotógrafo explica em sua exposição, “Você nunca retorna do exílio” (KOUDELKA:... 2024), assim como os métodos de desaparecimento exemplificados nos dentes da artista. É de imensa dor retornar a um lugar que foi um lar e não reconhecê-lo com o mesmo conforto, e em diversas fotos um paralelo é traçado com a vida de Josef e as figuras fotografadas.

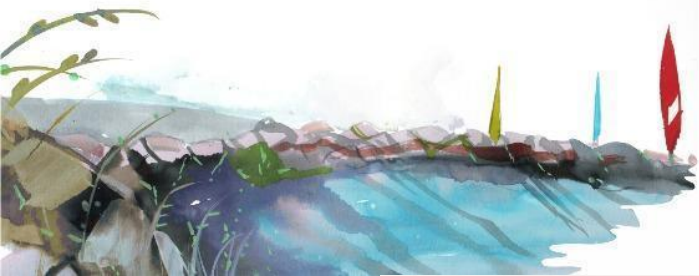


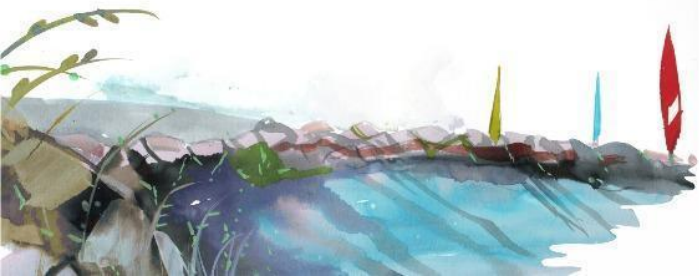
Imagem 4 - Fotografia de Koudelka, Romênia, 1968. Registro do autor.

Nas muitas viagens, o fotógrafo capturava a essência da vida dos ciganos, por exemplo, entretanto, não com o propósito de mostrar um retrato objetivo, mas sim “registrar histórias por retratos puramente visuais”. É como se, na fotografia quase teatral em um campo na Romênia, fosse a essência do cotidiano dos ciganos, não pensando em macroelementos “exóticos” ou políticos para tratá-los em um frame. O menino olha diretamente para a câmera, curioso, enquanto uma figura feminina carrega uma criança de cabeça pra baixo na estrada e uma carroceria atende as pessoas fora. Nesse momento é possível fazer uma analogia a própria vida de Koudelka, enquanto o menino olha e distrai de toda o movimento atrás, Josef olha diretamente para a lente vendo o menino, quase espelhado, alinhando ao exílio dos dois e suas semelhanças nômades.

Tal como Carolina, são tessituras políticas e de poder que são capazes de decidir muitos exílios, perseguições, através da força física e barreiras ideológicas. Cada artista expõe a temática de forma pessoal e material, mas exploram as dores de ambos: sentir-se estrangeiro da própria casa. O não pertencimento, situações extremas ou insegurança que o estado trata os povos periféricos das regiões brasileiras, da mulher, e o exílio forçado após mostrar algo que não era para ser visto trazem angústias para os artistas, que a única maneira a ser enfrentada seria a expressão. Que, nesse caso, é lindamente poética.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa articula com a problemática dos desaparecimentos de pessoas, materializada nos dentes variados e grandes no chão do CCSP, na obra de Carolina



Itzá com o "sentir-se estrangeiro" captado pelas lentes de Koudelka que, apesar de tecnicamente diferente, compactua com o "estrangeiro no próprio país" de Itzá, que reafirma sua identidade e existência em pinturas com resistência e luta de gênero, principalmente com a desigualdade e dinâmicas de poder. Na pesquisa, a arte mostra-se um importante meio de expressão e mecanismo de memória social, transformando a luta e dor (como a dos dentes caídos por força maior) em memória e resiliência para os artistas e comunidades a partir da sua representação poética.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Aline. **HÁ PÓ DE ESTRELAS PELAS ESTRADAS**: Carolina Itzá. In: CENTRO CULTURAL DE SÃO PAULO (São Paulo) (org.). 33o PROGRAMA DE EXPOSIÇÕES DO CCSP. São Paulo: Desconhecida, 2024. p. 16-19. Disponível em: <https://centrocultural.sp.gov.br/catalogo-da-32a-mostra-do-programa-de-exposicoes-2022-2/>. Acesso em: 04 dez. 2024.

BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a Arte**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986. 80 p. (Fundamentos).

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Carol Itzá**. 2024. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa644930/carol-itza>. Acesso em: 26 nov. 2024.

FREELAND, Cynthia. **Teoria da arte**: uma breve introdução. Porto Alegre: L&Pm, 2024. 224 p. Tradução de Janaína Marcoantonio.

KOUDELKA: Ciganos, Praga 1968, Exílios | Sobre a exposição. São Paulo: Ims, 2024. (6 min.), son., color. Legendado. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pGNTZHMIuR8&ab_channel=imoreirasalles. Acesso em: 25 nov. 2024.

RUSSO, Francisco. **Nostalgia da Luz**: a percepção do tempo. A percepção do tempo. Adoro Cinema. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-173828/criticas-adorocinema/>. Acesso em: 25 nov. 2024.

TZU, Sun. **A Arte da Guerra**. Disponível em: <https://fasam.edu.br/wp-content/uploads/2020/07/A-Arte-da-Guerra-Sun-Tzu-1.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2024.